



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**RESISTÊNCIA E LUTA RACIAL: O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL E A IMPORTÂNCIA DA ETNICIDADE**

**LORENNAL MONTEIRO ALMEIDA**

**ORIENTADOR(A): PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> ZENILDA BOTTI FERNANDES**

**Belém, 01 de Novembro de 2024**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

A447r Almeida, Lorena Monteiro.  
Resistência e luta racial: O ensino de história nos anos iniciais  
do ensino fundamental e a importância da etnicidade / Lorena  
Monteiro Almeida. — 2024.  
13 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Zenilda Botti Fernandes  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, Instituto de Ciências da Educação, Faculdade de Educação,  
Belém, 2024.

1. Estágio supervisionado. 2. ensino fundamental. 3.  
História. 4. cultura afro-brasileira. I. Título.

CDD 372

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

## **RESISTÊNCIA E LUTA RACIAL: O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E A IMPORTÂNCIA DA ETNICIDADE**

Lorena Monteiro Almeida

### **RESUMO:**

O presente trabalho foi realizado a partir da experiência da disciplina Estágio Supervisionado no ensino fundamental, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Este trabalho se deu por meio de um projeto didático pedagógico que tinha por objetivo destacar a necessidade da disciplina de estágio supervisionado nos cursos de licenciatura e fortalecer a discussão sobre a importância do ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental. Neste processo, também alimentou debate sobre a relevância de histórias de pessoas negras, lembrando a importância de valorizar o povo que contribuiu para o desenvolvimento da cultura brasileira, assunto trazido ao 3º ano do ensino fundamental no intuito de se voltar para a importância dos povos africanos na formação social, histórica e cultural do meio em que vivem. Portanto, através de atividades participativas e educativas, procurou-se envolver os estudantes em discussões sobre a história e a cultura afro-brasileira, incentivando o respeito e a valorização da diversidade, uma visão mais inclusiva e crítica sobre as desigualdades sociais e raciais ainda presentes. Por fim, pode-se deixar evidente que o trabalho só pode ter êxito com a junção de pesquisa e experiências, sendo a escolarização básica e o estágio na educação, um espaço que pode dar o pontapé inicial e privilegiado para esse aprendizado.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado, História, cultura afro-brasileira.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho se trata de um relato de experiência de uma estudante de licenciatura que assim como todos, participou de todas as etapas de um estágio supervisionado. Na passagem de uma escola é comum encontrar diversas realidades e demandas os quais um estagiário pode ser levado a pensar nas diversas dificuldades que podem vir a enfrentar em sua profissão, a fim

de agarrar o mundo com as mãos. Mas o estágio é uma chance do futuro profissional aprender, porém também de repensar práticas educacionais.

A licenciatura se entende por ser a formação de professores, e no caso da pedagogia, os anos iniciais do ensino fundamental são a peça chave deste estudo. Crianças de 6 a 10 anos de idade costumam ter o foco principal na sua formação em português e matemática, tornando as outras disciplinas como secundárias a medida que elas são menores. No entanto, todas as disciplinas são importantes para a formação do ser humano, como Ciências para entender fatores biológicos, Educação Física para entender e movimentar o corpo, Geografia para entender e se colocar no espaço geográfico. E História? Do que serve a História?

Geralmente a História é vista como a disciplina que é necessário que o aluno apenas escute, memorize e copie, lembrada apenas em datas comemorativas como feriados nacionais.

Foi ao observar o cenário de uma sala de aula do ensino fundamental que se fez interessante investir em um projeto didático pedagógico apoiado no ensino de História.

O objetivo deste relato de experiência é mostrar como é fundamental ensinar História nos anos iniciais de maneira que os alunos daquela comunidade se sintam representados e promovidos no sentido de entenderem qual a relevância da história em seu cotidiano, se entendendo como um sujeito histórico. Também pretende demonstrar como a oportunidade de estágio na disciplina de pedagogia pode ser recompensadora para os estagiários e os alunos daquela escola. No contexto de uma escola pública brasileira, como a pauta racial e social deve ser debatida, conversada e demonstrada ainda que com poucos recursos, e como o ensino de história pode contribuir para o pensamento crítico da realidade conectando o passado com o presente.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 Estágio Supervisionado**

A disciplina de estágio supervisionado é essencial na formação de qualquer licenciatura, pois é a oportunidade que os futuros professores têm de aplicar, de maneira prática, os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso, porém muito mais relevante que isso é: se tornar o palco principal para pesquisa, não divergindo teoria e a prática, mas fazendo com que ambas caminhem juntas.

É necessário o pensamento crítico antes de adentrar uma sala de aula e entender os diversos contextos que acontecem em uma escola, e não apenas “copiar” ou “imitar” o que os

professores já estão fazendo em sua atuação dentro da sala de aula. Para quem está entrando no mundo da docência pode se tornar uma tarefa complicada, e a insegurança pode se tornar um fator para que a repetição seja o caminho mais fácil e rápido, além do pensamento de que fazer diferente do professor pode ser entendida como uma crítica ruim aos atuais profissionais, isso, é claro, não é verdade. Há diferentes experiências de uma escola para outra, e se torna importante o papel de observar para tomar de exemplo, mas insistir na reprodução passo a passo faz com que o estágio se torne apenas uma atividade prática sem nenhum pensar, sem valorizar sua formação intelectual, além de perpetuar o pensamento conformista de que a educação não muda, mas segue moldes pré-determinados com os quais não levarão em conta as mudanças sociais da comunidade escolar e o modo de aprender. Essas ideias são defendidas por Pimenta e Lima (2008, p. 136) que explicitam:

O pressuposto dessa concepção é o de que a realidade do ensino é imutável e os alunos que frequentam a escola também o são. Idealmente concebidos, à escola, competiria ensiná-los, segundo a tradição. Não cabe, pois, considerar as transformações históricas e sociais decorrentes dos processos de democratização do acesso, que trouxe para a escola novas demandas e realidades sociais, com a inclusão de alunos até então marginalizados do processo de escolarização e dos processos de transformação da sociedade, de seus valores e das características que crianças e jovens vão adquirindo. Ao valorizar as práticas e os instrumentos consagrados tradicionalmente como modelos eficientes, a escola resume seu papel a ensinar; se os alunos não aprendem, o problema é deles, de suas famílias, de sua cultura diversa daquela tradicionalmente valorizada pela escola.

O espaço do estágio na escola, portanto, não é um lugar para apenas observar e reproduzir, também não é o lugar de fazer críticas vazias em relação aos profissionais que ali atuam e tão pouco é uma prestação de serviços. Esse período de imersão em sala de aula é o lugar onde os futuros profissionais devem trabalhar junto com os docentes, desenvolver habilidades pedagógicas, entender como funciona a instituição e enxergar diferentes formas as possibilidades de aprendizagem e de atuação docente, atrelada aos conhecimentos adquiridos no curso.

O estágio no ensino fundamental proporciona uma aproximação do objeto de pesquisa e dá a oportunidade de atuar ativamente em um ambiente real para o planejamento de aulas, a gestão de turmas e a avaliação de alunos. Além disso, o estágio possibilita a reflexão contínua sobre a prática docente e o recebimento de considerações valiosas de professores mais experientes, permitindo ajustes e melhorias nas abordagens educacionais. Portanto, o estágio supervisionado funciona como uma fonte de pesquisa privilegiando a análise de situações da

prática e dos contextos escolares e uma experiência para o campo profissional onde há o interesse de desenvolver professores mais completos e preparados para os desafios do ensino.

## 1.2 O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018, p.397) afirma que todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos. Desse modo, a partir da experiência do estágio, se fez uma imersão prática e reflexiva a partir do ensino de História. Mas afinal, a História nos anos iniciais é relevante?

A disciplina de História desde a construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) tinha como um dos objetivos a construção da identidade brasileira, pois era na escola em que as crianças tinham a oportunidade de conhecer sobre o passado de seu país, e o contato era através dos livros didáticos “com a sacralização de certos acontecimentos históricos e personagens que os representam, como Tiradentes, D. Pedro I, princesa Isabel.”(ZAMBONI.p.373) Assim, a construção de uma identidade nacional e do conceito de nação é um processo ideológico que, na escola, envolve necessariamente a preservação da memória nacional e a formação de uma consciência política.

No entanto, isso não engloba o sujeito individual como ser histórico, apenas figuras heroicas, pertencente ao papel do Estado que deve ser glorioso em manter ou mudar o cenário nacional. Isso acaba não incluindo as diversas camadas sociais e suas ações para a construção do cenário atual. Zamboni(2003, p. 374) afirma que:

Em uma era de globalização, na qual estamos vivendo, onde há o esfacelamento de nossas particularidades e individualidades, o sentimento de pertencer a um lugar, a um grupo no qual desempenhamos um papel social, ao qual estamos emocionalmente e afetivamente ligados e com o qual nos identificamos, é muito importante para o ser humano e sua formação como sujeito histórico.(...) Essa identidade é mais forte na primeira fase do ensino fundamental e tende a desaparecer nos demais níveis de ensino.

Nesse sentido, a respeito da História como formação de um sujeito histórico, é necessário que a escola como um todo entenda que a História forma a identidade social e a consciência histórica, uma vez que ela denota noções de tempo como o passado, o presente e o futuro que está em constante transformação, e que todos os sujeitos fazem parte dessa transformação. Privilegiar um grupo em detrimento de outro pode acarretar a perpetuação de uma identidade nacional construída por poucos, de uma determinada classe social e condições econômicas, o

que é fácil partindo da concepção de que ao longo do tempo a história na escola foi construída de maneira cronológica se distanciando do presente, mudando apenas recentemente. A Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, na tentativa de descentralizar o ensino de História do tradicional.

Embora a História desempenhe um papel crucial na formação de crianças e adolescentes, ela enfrenta diversas críticas. Muitos argumentam que a disciplina carece de base científica, se apoia na memorização de fatos arbitrariamente selecionados por grupos que não representam os excluídos, e que, por isso, não tem utilidade prática (ZAMBONI, 2003, p.375). No entanto, essa é justamente a problemática de enxergar a História sem uma visão crítica e utilitarista.

Aprendemos História para entender “o que somos, fomos, poderíamos ter sido e poderemos vir a ser.(...) E o ensino fundamental, como etapa de escolarização básica para a formação de indivíduos, é o espaço privilegiado para esse aprendizado.” (SILVA e GUIMARÃES, 2018, p.232). A compreensão de qualquer disciplina ocorre dentro da temporalidade humana, incorporando tanto o conhecimento atual quanto o acumulado ao longo do tempo. Desconsiderar o passado equivale a perder oportunidades de aprendizado significativas, aceitando a realidade como ela é, sem sinal de mudança.

Desse modo, Zamboni (1993, p. 7) afirma que:

[...] o objetivo fundamental da História no ensino fundamental, é situar o aluno no momento histórico em que vive [...]. O processo de construção da história de vida do aluno, de suas relações sociais, situado em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente em sua formação social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva-lhe o sentido de pertencer.

Portanto, pode-se entender que dá ao aluno a formação de uma consciência crítica e inclusiva, além da compreensão da diversidade cultural e o combate às desigualdades raciais, haja vista que refletindo sobre as memórias deixadas podem haver mudanças.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada por meio de abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos foram a análise de documentos em fontes primárias e secundárias, além de pesquisa de campo. A fonte primária do trabalho foram os documentos legais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o livro didático utilizado na sala de aula do 3º ano, que foram consultados para a realização da pesquisa. A fonte secundária utilizada se constituiu por meio de pesquisa bibliográfica: Pimenta e Lima (2008), Zamboni (2003,1993), Silva e Guimarães

(2018). A pesquisa de campo consistiu na ida até a escola para a observação de turmas do ensino fundamental em uma instituição educacional, durante o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental dos anos Iniciais os quais ocorreram de agosto a novembro de 2023. As atividades feitas no estágio foram pensadas por uma dupla de alunas nesta dita disciplina, onde o objetivo era desenvolver um projeto em uma das salas de aula em que visitaram durante o Estágio em uma escola pública estadual na cidade de Belém.

É indispensável dizer que o estágio supervisionado se deu por uma divisão igualitária em todos os anos do ensino fundamental, do 1º até o 5º ano, onde todos os estagiários passaram dois dias em cada turma, tendo uma exceção para a turma escolhida por cada dupla de estagiários. Assim, cada um experimentou, ainda que por dias, cada fase de acordo com o cronograma.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O projeto foi realizado na turma do 3º ano, com foco na disciplina de História. A turma foi escolhida pois se viu uma necessidade de levar para a turma algo que fugisse do cotidiano do quadro e do livro didático, que eram os métodos principais para aquela turma nas disciplinas de português, matemática e arte, disciplinas do dia do estágio.

Através de entrevista com a professora titular e professora de artes, onde foi perguntado as carências da turma e o que elas sugeriam para uma atividade significativa, foi elaborado um rascunho de projeto sobre o dia nacional da consciência negra. Essa contribuição para a escola se valeu por conta do dia 20 de novembro que se aproximava, mas sempre foi salientado que esse tema não deveria se privar a um dia específico do ano, mas estar sempre no ensino das crianças. Desta forma, uma pesquisa foi feita para escolher de que forma esse projeto poderia dar seguimento com objetivos claros e com fontes confiáveis, além de delimitar os temas que entrariam no projeto. Foi assim que nasceu o projeto “Símbolos da resistência”.

O primeiro passo para a construção da atividade foi selecionar pessoas negras representativas que coubessem no currículo de História do 3º ano levando em conta a habilidade EF03HI03 da BNCC(2018):

Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.

Também se levou em consideração a necessidade de levar uma linguagem mais acessível e que eles lembrassem já associando as aulas futuramente. Foram escolhidas as histórias de

Zumbi dos Palmares, para representar o Brasil e explicar o significado do dia da consciência negra; e Nelson Mandela, ativista contemporâneo que viveu em meio ao Apartheid da África do Sul, a escolha de outras figuras históricas foi discutida, incluindo a inserção de mulheres, mas o tempo de execução do projeto acabou sendo um fator determinante para a escolha do conteúdo. Foi então dividido o projeto em duas partes, as quais seriam realizadas em dias diferentes, uma em sala de aula e outra na sala de artes.

No primeiro dia (22/11/2023), no primeiro horário após a acolhida da turma, houve uma breve apresentação sobre a diáspora africana e a inserção da cultura a partir de uma representatividade negra, Zumbi dos Palmares, o qual se preparou um retrato colocado em cartolina para apresentar a turma (imagem 1), o que possibilitou que as crianças pudessem entender a origem da data 20 de novembro, além de ter voz participativa na aula, pois foi deixada livre o momento para que eles tirassem dúvidas e fizessem comentários. Um receio sobre a aula aberta era a bagunça e talvez a história muito violenta para as crianças, no entanto eles demonstraram conhecimento prévio e sempre comparavam o passado com o presente, como em exemplo de um dos alunos que, ao ser perguntado se sabiam como Zumbi dos Palmares morreu, respondeu se não foi de tiro, como eles viam na televisão.

Logo após, a história foi levada para o contexto atual, levando aos alunos as diversas contribuições que a cultura africana trouxe para a formação de uma cultura afro-brasileira, como a culinária, vestimenta, músicas e até palavras de nosso cotidiano, e com isso foi iniciada a brincadeira “a forca” onde o objetivo é descobrir a palavra pedida pelo professor antes que o boneco seja completamente desenhado no quadro, sendo as palavras todas escolhidas de acordo com a explicação anterior. Para tanto se formou grupos pela sala para que o jogo se tornasse organizado e todos obtiveram sucesso ao menos uma vez, visto que levaram a brincadeira muito a sério.



Fonte: Arquivo pessoal

No segundo dia(29/11/2023), no horário da aula de artes em que a professora cedeu toda a aula naquele dia, os alunos foram para a sala de artes, onde fizemos pequenas perguntas da aula anterior para saber se eles ainda lembravam, recebendo uma resposta positiva dos alunos. Então trouxemos dessa vez os questionamentos se eles sabiam onde ficava a África, se já tinham estudado sobre ela alguma vez, e então Nelson Mandela foi apresentado (novamente com uma figura) e sua simbologia de luta e resistência na história negra(imagem 2). Após a exposição de sua história, novamente em uma aula aberta para perguntas e comentários, muito se disse sobre o Apartheid e seus impactos negativos, sobre o racismo que ainda existe na sociedade e como ele afeta pessoas racializadas e como a África está nos dias de hoje, na tentativa de desmitificar o imaginário de pobreza e fome que muitos tinham sobre o continente.

Após essa conversa com a turma, foi distribuído papel sulfite A5, lápis e giz de cor com cores de pele diversas para que as crianças pudessem desenhar. A ideia era que as crianças fizessem desenhos de punhos erguidos em prol da igualdade e respeito, e foi pintado a partir da visão de cada criança sobre si mesmo sobre o tom de sua pele(imagem 3).

Imagem 2- Segundo dia



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 3 - Painel feito pelas crianças



Fonte: Arquivo pessoal

Foi desta forma que o trabalho foi finalizado com as crianças, as quais se mostraram engajadas, com 60% da sala sendo composta por crianças negras e se reconhecendo como tal e estando orgulhosas de seus trabalhos a ponto de colocarem o mural em sua sala de aula. Ao final, ainda recebemos um desenho de uma das crianças de uma mulher com vestes estampadas com as seguintes palavras: "Você não deve escravizar uma pessoa negra só por causa da cor dela".

O projeto "Símbolos de Resistência" possibilitou a promoção do engajamento e aprendizado buscando alcançar resultados significativos, promovendo engajamento e aprendizado entre as crianças. As atividades, como a brincadeira da "força" e a criação de um mural com punhos erguidos, mostraram-se eficazes ao engajar as crianças de maneira lúdica e educativa. Essas atividades permitiram que as crianças compreendessem as histórias contadas distantes das versões eurocêntricas e refletissem sobre representatividade e igualdade racial.

Além disso, geraram diálogos significativos, contribuindo que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual e coletiva” (Le Goff, 2007) permitindo que as crianças expressassem suas opiniões e entendessem melhor a importância do tratamento justo e respeito para todas as pessoas.

A promoção da coletividade e da afetividade entre as crianças foi um resultado positivo. Trabalhar juntas na construção do mural e serem recompensadas coletivamente contribuiu para um ambiente de aprendizado colaborativo e de respeito mútuo. Em termos de interpretação geral, o projeto atingiu seus objetivos de introduzir conceitos importantes sobre a história e cultura afro-brasileira e promover valores de igualdade e respeito, utilizando atividades interativas e afetivas.

Pode-se afirmar que os pontos fortes do projeto incluiu a abordagem lúdica, que facilitou o engajamento e a compreensão das crianças; a relevância cultural das figuras históricas e palavras escolhidas, que contextualizaram a importância da cultura afro-brasileira; a ênfase na coletividade e no trabalho em grupo, que reforçou valores de colaboração e respeito; e a interação carinhosa e a premiação no final do projeto, que fortaleceram o vínculo entre as crianças e os educadores. No entanto, o projeto também teve algumas limitações: o tempo limitado, com atividades realizadas em apenas dois dias, pode ter restringido a profundidade de alguns temas abordados.

Além disso, a disponibilidade de recursos materiais pode ter limitado a execução de algumas atividades práticas. Por fim, a ausência de um acompanhamento a longo prazo pode ter restringido a avaliação dos impactos duradouros do projeto nas crianças. Freire (1996, p. 136) ressalta que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão de permanente movimento da História”. A inclusão de diversas fontes históricas na sala de aula ainda é bastante limitada, o que evidencia as restrições dos avanços historiográficos no ensino de história para crianças. Músicas, imagens, objetos, relatos orais e outras fontes, que poderiam ser usados como material didático e têm o potencial de se aproximar do universo lúdico das crianças, ainda são subvalorizados em comparação ao foco na leitura e na escrita.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este projeto não apenas celebrou a herança cultural afro-brasileira, mas também buscou conscientizar sobre a importância de reconhecer e combater o racismo e a discriminação.

Ao integrar esses temas no currículo escolar, contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados na promoção da igualdade e da justiça social. A experiência do estágio supervisionado permitiu uma imersão prática e reflexiva, evidenciar a necessidade de uma educação que valorize todas as culturas e promova o respeito mútuo desde as primeiras etapas da formação escolar, além de enriquecer a prática docente para futuros profissionais em sala de aula. Nesse sentido, Fonseca (2009, p.116 ) menciona que:

O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas

Dessa maneira, ao finalizar este relato, podemos destacar a importância do trabalho pedagógico multidisciplinar na busca de construir referenciais de saberes históricos desde os anos iniciais, para interferir na sociedade de forma que possam fazer a diferença de maneira positiva no local que está inserido, levando além da luta por uma história justa em seu desenvolvimento, mas também a transforma em memórias e seus significados.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009. p. 116.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. 1996. Paz e Terra, p. 136.
- LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SILVA, M. GUIMARÃES, S. A necessidade da história no ensino fundamental: dos parâmetros curriculares nacionais (PCN's) à base nacional comum curricular (BNCC). In: VEIGA, Ilma P. A., SILVA, Edileuza F. **Ensino Fundamental: da LDB à BNCC**. Campinas, SP- Papyrus, 2018. p.227-247.
- ZAMBONI, Ernesta. **O Ensino de História e a Construção da Identidade**. História-Série Argumento. São Paulo: SEE/Cenp, 1993

ZAMBONI, Ernesta. **Projeto Pedagógico dos Parâmetros Curriculares Nacionais:**

**Identidade nacional e consciência histórica.** Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 367-

377, dezembro 2003.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

## DECLARAÇÃO VERSÃO FINAL

Declaro que LORENNA MONTEIRO ALMEIDA , matrícula nº 202010540025, discente desta Instituição de Ensino Superior, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, **defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso** desenvolvido sob minha orientação e entregou a versão final com as revisões recomendadas pela banca examinadora.

Belém-PA., 12 de novembro de 2024.



Documento assinado digitalmente  
ZENILDA BOTTI FERNANDES  
Data: 12/11/2024 22:32:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Zenilda Botti Fernandes  
Orientadora  
Matrícula SIAPE - 1152891



*DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 12/2024 - FACEDUCACA (11.32.03)*

*(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)*

*(Assinado digitalmente em 03/12/2024 08:59 )*

ZENILDA BOTTI FERNANDES  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
ICED (11.32)  
Matrícula: ###528#1

Visualize o documento original em <https://sipac.ufpa.br/documentos/> informando seu número: **12**, ano: **2024**, tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **03/12/2024** e o código de verificação: **38be49e6fc**